



A5-17 Os Guardiões da Agrobiodiversidade no Rio Grande do Sul, Brasil, na construção de autonomia camponesa

Viviane Camejo Pereira, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Correio eletrônico:

vivianecamejop@gmail.com

Fábio Dal Soglio, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Correio eletrônico:

fabiods@ufrgs.br

Resumen

Os camponeses latinoamericanos empreendem os mais diversos processos de construção de autonomia, entre os quais a conservação da base de recursos da propriedade e o contato íntimo com a natureza. Neste contexto as sementes crioulas cumprem o papel fundamental para autonomia na produção e para soberania alimentar. Com o objetivo de analisar os processos de construção de autonomia camponesa a partir da manutenção da agrobiodiversidade e das sementes crioulas, foram realizadas entrevistas abertas e observação participante em cinco casos de experiências de guardiões de sementes crioulas de agosto/13 a agosto/14. As análises foram realizadas considerando o princípio da agência humana da Perspectiva Orientada ao Ator. Em comum elas possuem quatro aspectos principais: a organização coletiva, o apoio de mediadores, a autogestão da base de recursos e a produção voltada prioritariamente ao autoconsumo.

Palabras-clave: Sementes crioulas; Autonomia camponesa; Perspectiva orientada ao ator; Agência humana; Guardiões da agrobiodiversidade.

Abstract:

The Latin American peasants undertake several different processes of building peasant autonomy, among them the conservation of the farm's resource base and intimate contact with nature. In this context, landraces play essential role for autonomy in production and food sovereignty. With the objective to analyze the peasant autonomy building processes from the maintenance of agrobiodiversity and landraces, open interviews and participant observation in five experiences of native seeds guardians were conducted from August/13 to August/14. The analysis were conducted considering the principle of human agency of the Actor-oriented perspective. They have in common four main aspects: the collective organization, the support of mediators, self-management of the resource base and production aiming primarily the self consumption.

Keywords: Landraces; Peasant autonomy. Oriented perspective to the actor; Human agency, Guardians of agrobiodiversity.

Introducción

Este trabalho faz parte de um estudo maior de doutorado que está sendo realizado no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural da Universidade Federal do Rio Grande do Sul intitulado: A conservação de cultivares crioulas em processos de construção de autonomia de agricultores no Rio Grande do Sul.

Os camponeses latinoamericanos empreendem os mais diversos processos de construção de autonomia como os analisados por Fox e Gordillo (1989) no México, em Velez (2014) na Colômbia e por Pereira e Dal Soglio (2014) no Brasil. Nesse sentido considera-se de suma importância a compreensão destes processos que contribuem para a conservação da agrobiodiversidade. As sementes crioulas são parte desta agrobiodiversidade e contribuem



também para a soberania e segurança alimentar das comunidades camponesas. No sul do Brasil tem-se observado a especificidade das experiências dos guardiões da agrobiodiversidade que são organizações coletivas em que os camponeses compartilham saberes e práticas sobre a manutenção da agrobiodiversidade e por vezes intercambiam também com os agentes mediadores que fazem a relação destes com o Estado. O Brasil, por meio dos Ministérios da Agricultura e do Desenvolvimento Agrário tem implementado incentivos a produção orgânica e agroecológica, estimulando a produção de sementes crioulas, como o Plano Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica (PLANAPO) que faz parte da Política Nacional de Agroecologia e Produção instituída por meio do Decreto nº 7.794, de 20 de agosto de 2012).

Este estudo tem por objetivo analisar brevemente os elementos que convergem para construção de autonomia camponesa em algumas experiências de grupos de guardiões da agrobiodiversidade no universo de cerca de mais de 140 guardiões organizados de forma coletiva e individual em 30 municípios pelo estado do Rio Grande do Sul (BEVILAQUA et al., 2014). Os procedimentos metodológicos e as análises foram realizadas sob o enfoque da agência humana da Perspectiva Orientada ao Ator (Long, 2007).

Metodologia

Esta pesquisa possui caráter qualitativo de cunho interpretativista e etnográfico (GEERTZ, 1997; GOMES, 2013). Para alcançar o objetivo deste estudo foram entrevistados 16 agricultores e 6 mediadores participantes de instituições de fomento a conservação da agrobiodiversidade: a) União das Associações Comunitárias do Interior de Canguçu, UNAIC Canguçu, RS; b) Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, Embrapa Clima Temperado, Pelotas, RS; c) Guardiões das Sementes Crioulas de Ibarama, RS; d) Associação de Guardiões da Agrobiodiversidade, AGABIO, de Tenente Portela, RS; e) Bionatur em Candiota, RS; f) Guardiões das Sementes Crioulas (Câmbio de Sementes) em Mampituba, RS. Além das entrevistas abertas foi realizada a observação participante e anotação em diário de campo. (GIL, 2008, GOMES, 2013, LAKATOS; MARCONI, 1992; LAVILLE; DIONNE, 1999). O trabalho de campo foi realizado entre agosto de 2013 e agosto de 2014 compreendendo visitas a campo e participações em reuniões.

A perspectiva Orientada ao Ator foi utilizada desde a elaboração do problema de pesquisa aos procedimentos metodológicos. A Perspectiva Conhecer visa a análise das distintas estratégias desenvolvidas pelos atores em suas individualidades e especificidades mediante processos estruturais semelhantes. A agência humana sob este enfoque reconhece que os sujeitos não estão totalmente subordinados as estruturas. Mesmo em um ambiente hostil, marcado pela marginalização e insegurança, os agricultores vivem em condições estruturais similares, os sujeitos são: *“capaces para conocer”* y *“hábiles para hacer”* (LONG, 2007, p. 63).

Sob este mesmo enfoque teórico, a autonomia está diretamente relacionada à coprodução entre ser humano e natureza como forma de fortalecer a base de recursos da propriedade rural controlada pelos agricultores. (PLOEG, 2008) As sementes crioulas fazem parte da constituição da base de recursos da propriedade, ou seja, ela faz parte de um conjunto de recursos de ordem natural como a água, a terra, os animais, os cultivos, como também de ordem social como os conhecimentos, as redes, as tecnologias. A construção de autonomia a partir da conservação da base de recursos em processos de coprodução entre ser humano e natureza, está imersa também na busca pela sustentabilidade social e ambiental.

Resultados y discusiones

Todos os casos analisados possuem convergências que apontam para o estabelecimento de estratégias que parecem fortalecer a luta camponesa por autonomia. Neste estudo são trazidos os seguintes aspectos: a organização coletiva, o apoio de mediadores, a autogestão da base de recursos e a produção voltada prioritariamente ao autoconsumo.

A organização coletiva é comum aos grupos visitados. Os guardiões da agrobiodiversidade estão organizados no Rio Grande do Sul em associações e cooperativas. Dentro dos grupos de guardiões da agrobiodiversidade existem agricultores que preferem desenvolver suas atividades de forma individual, optando pelo planejamento do plantio e manejo isolados dos grupos. Esta opção em um primeiro olhar parece estar relacionada à confiança já que nem todos os agricultores se conhecem e as sementes mais do que um cultivo expressam os costumes da família e as práticas herdadas dos antepassados, e em alguns casos até a soberania sobre as próprias sementes. Porém, alguns dos agricultores que trabalham de forma individual compartilham alguns momentos com o coletivo como, por exemplo, nas feiras de sementes crioulas em que eles compartilham saberes, práticas e sementes com outros agricultores de outras regiões do estado. A organização em associações de guardiões fortalece a autonomia camponesa ao contribuir para o fortalecimento da resistência dos camponeses frente aos mercados convencionais de sementes apropriadas pela indústria da biotecnologia e insumos químicos. De acordo com Ploeg (2008), as cooperativas e associações de agricultores não são necessariamente iniciativas de contraposição ao mercado, mas sim podem melhorar a articulação entre a agricultura e os mercados bem como facilitar a inserção em mercados alternativos como de economia solidária e em cadeias curtas de comercialização. O intuito da organização coletiva nem sempre constitui o foco da venda, mas também a troca não monetária de sementes. A Bionatur e a Unaic são cooperativas em que os agricultores se organizam para planejar a produção e a venda das sementes crioulas. A Agabio, a Associação de Guardiões de Ibarama e o Câmbio de Sementes em Mampituba não focalizam na venda, mas na organização de espaços em que os agricultores possam compartilhar conhecimentos e sementes.

Tanto as associações quanto às cooperativas de agricultores guardiões da agrobiodiversidade possuem o apoio de atores sociais chamados aqui de mediadores. De acordo com Neves (2008), os mediadores podem ser assim denominados para qualificar atores que estão imersos em uma condição de mediação com uma categoria social. A relação destes com os demais atores sociais são contextuais “porque pressupõem ações humanas na construção de significados e respectivas práticas”, de acordo com Neves (2008, p. 22). Estes fazem parte das associações, a exceção dos que atuam na Embrapa, e vivem o dilema de atuarem na mediação e ao mesmo tempo na atuação como participantes das associações e cooperativas. Estas pessoas desempenham um papel crucial na animação dos grupos. Podem ser citados como alguns exemplos os extensionistas rurais, os pesquisadores e alunos de Universidades, representantes de ONG's, ONGs ligadas a instituições religiosas, agentes de desenvolvimento rural das prefeituras e pesquisadores da Embrapa. Estes atores buscam espaços de inserção dos guardiões e também facilitar para que os agricultores que assim o desejem, possam acessar políticas públicas tanto no âmbito da propriedade rural quanto na organização das associações e cooperativas.

A autogestão da base de recursos ou a base de recursos autocontrolada é outro fator observado entre as experiências que contribuem para a construção da autonomia. Os agricultores participantes do estudo buscam o fortalecimento da base de recursos (terras, animais, culturas, instalações, infraestrutura de irrigação, conhecimentos, etc.) o que se

torna um resultado de processos co-evolutivos entre ser humano e natureza. De acordo com Ploeg (2008) a criação e o fortalecimento da base de recursos são essenciais para a coprodução entre ser humano e natureza viva. A coprodução diz respeito aos processos de produção e reprodução do campesinato. A produção ainda segundo Ploeg (2008) é um dos espaços mais importantes de batalha dos camponeses, visto que é a partir da autogestão da produção que expressam a capacidade de resolução de seus problemas, o que Almeida (2009) vai chamar de construção da autonomia-solução. O processo produtivo inclui não só a produção de alimentos, artesanatos e produtos manufaturados, mas também a possibilidade da reprodução camponesa. A renda obtida por meio da produção oferece maior espaço de manobra frente às dificuldades enfrentadas pelos agricultores. A venda dos produtos em cadeias curtas de comercialização e espaços de economia solidária contribui para a criação de mercados alternativos que cada vez mais tem sido a opção dos camponeses organizados em associações, como por exemplo, no que se refere à comercialização das sementes crioulas e produtos derivados.

Os agricultores participantes deste estudo plantam diversas variedades de sementes crioulas para alimentação sendo as principais de milho, feijão, cucurbitáceas e hortaliças em geral. Boa parte da alimentação provém dos cultivos realizados na propriedade. Os alimentos mais adquiridos fora da propriedade são o sal, o açúcar, café e em alguns casos o arroz. De acordo com Grisa et al. (2010, p. 67), o autoconsumo diz respeito a “cultivo de alimentos para o consumo familiar (horta, pomar, criação de animais etc.) e dos animais presentes no estabelecimento, à fabricação de ferramentas e à produção de insumos para o processo produtivo”. Para Cardenas e Renting (2014) o autoconsumo faz parte das relações econômicas, sociais e culturais, como um exercício de territorialidade e de resistência das comunidades camponesas ao modelo de desenvolvimento dominante.

A agricultura de autoconsumo na América Latina é bastante significativa, em torno de 100 milhões de pessoas dependem desta estratégia e é uma das principais estratégias para a reprodução social no campo. Neste contexto, pode-se afirmar que dificilmente a produção agrícola na agricultura familiar camponesa seria totalmente comercializada e também nem toda produção seria totalmente para subsistência da família e da unidade agrícola, muitas vezes os agricultores calculam e estimam o que precisa ser produzido e o destino de cada cultivo oscilando entre o autoconsumo, troca e venda (GAZOLLA; SCHNEIDER, 2007). Esse mecanismo é tratado por Garcia Jr. (1983) como princípio da alternatividade em que a família tem a possibilidade de vender ou consumir o que é produzido conforme as condições familiares e sociais de reprodução.

Conclusiones

Os casos analisados demonstram que a organização coletiva, o apoio de mediadores, a autogestão da base de recursos e a produção voltada prioritariamente ao autoconsumo podem contribuir para o conjunto de estratégias desenvolvidas pelos agricultores e mediadores para levar a cabo seus interesses, no caso, de conservação das sementes crioulas. A conservação das sementes crioulas envolvem processos de construção de autonomia em que elas remetem a um papel mais complexo do que o cultivo em si, mas a toda uma organização camponesa que se conforma em torno do objetivo de trocar, manter, reproduzir, consumir, usar e plantar sementes crioulas. Remete-se ao redesenho do agroecossistema, pois dificilmente os agricultores guardiões conservam apenas sementes crioulas, mas sim, organizam a propriedade e o processo produtivo de maneira com que os processos de coprodução entre ser humano e natureza sejam cada vez mais interligados. As práticas e saberes envolvidos nestes processos são compartilhados entre os associados e cooperados de maneira a fortalecer a luta pela autonomia e os mediadores cumprem o



papel de tornar visíveis estas experiências não só aos olhos do estado, mas também da população, que muitas vezes desconhece a existência destas organizações.

Agradecimientos

Ao CNPq que por meio da chamada 81/2013 apoia realização deste estudo através do apoio à Rede Sul de Núcleos de Estudo de Agroecologia e Sistemas de Produção Orgânicos.

Referencias bibliográficas:

- Bevilaqua, GAP. et al. (2014) Agricultores guardiões de sementes e ampliação da agrobiodiversidade. Cadernos de Ciência & Tecnologia, Brasília, 31 (1): 99-118.
- Cardenas, S. & Renting, H. (2014) La agricultura de autoconsumo: un pilar de agricultura familiar. Agricultura familiar en España Anuario 2014. Fundación de Estudios Rurales, Madrid, 253 – 263.
- Gazolla, M. & Schneider, S. (2007) A produção da autonomia: “os papéis” do autoconsumo na reprodução social dos agricultores familiares. Revista Estudos Sociedade e Agricultura, Rio de Janeiro (UFRRJ), 15: 89-122.
- Garcia JR., AR. (1983). Terra de trabalho: trabalho familiar de pequenos produtores. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Gil, AC. (2008). Métodos e técnicas de pesquisa social. 6 ed. São Paulo: Atlas.
- Gomes, MP. (2013). Antropologia: ciência do homem, filosofia da cultura. 2 ed. São Paulo: Contexto.
- Grisa, C., Gazolla, M., Schneider, S. (2010). A produção “invisível” na agricultura familiar: autoconsumo, segurança alimentar e políticas públicas de desenvolvimento rural. Agroalimentária, Mérida, 16 (31): 65-79.
- Lakatos, EM. & Marconi, MA. (1992). Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos. São Paulo: Atlas.
- Laville, C. & Dionne, J. (1999). A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Porto Alegre: Artmed; Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Long, N. (2007). Sociología del desarrollo: una perspectiva centrada em El actor. México: Centro de Investigaciones y Estudios Superiores em Antropología Social, El Colégio de San Luis.
- Ploeg, JVD. (2008). Camponeses e impérios alimentares: lutas por autonomia e sustentabilidade na era da globalização. Porto Alegre: UFRGS.
- Ploeg, JVD (1992). El proceso de trabajo agrícola y la mercantilización. In: Sevilla Guzmán, E. (Ed.). Ecología, Campesinado y Historia. Madrid: Ediciones de la Piqueta, 163-195.
- Fox, J. & Gordillo, G. Between State and Market: The Campesinos' Quest for Autonomy in Rural Mexico. In: Cornelius, W., Gentleman, J., Smith, P. (Org.). Mexico's Alternative Political Futures, La Jolla: Center for U.S.Mexican Studies, 1989 (2nd printing, 1990). Disponível em: <https://escholarship.org/uc/item/2262f517> Acesso em: 1 jul. 2014.
- Vélez, LDV. (2014). Adaptabilidad, Estrategias y Persistencia de las formas de producción campesina (economía campesina (apresentação no IV Seminário Internacional de Agroecologia e VIII Simposio Nacional de Agroecologia) Santa Rosa de Cabal, setembro de 2014.
- Pereira, VCP & Dal Soglio, FK. (2014). Os saberes e práticas dos camponeses para conservação das sementes crioulas no Brasil: perspectivas de autonomia e resistência camponesa. Anais...Congresso da Associação Latinoamericana de Sociologia Rural, Cidade do México, outubro de 2014.